

Setúbal: raciocínio do governo está bloqueado

FÁTIMA TURCI

A exportação precisa deixar de ser vista sob o ângulo do contador, que só pensa em gerar caixa, para ser encarada do ponto de vista do administrador, pois só assim trará mais negócios, maior produção e emprego. Essa é a tónica da Associação dos Exportadores Brasileiros que, segundo seu presidente, Laerte Setúbal, defende que as exportações têm de crescer a qualquer custo para vencer o estrangulamento dos US\$ 20 bilhões desde 1980, mesmo que as importações também cresçam sacrificando um pouco o saldo da balança comercial. Mas, em sua opinião, o "racionamento do governo está tão bloqueado que admite até exportações de apenas US\$ 9 bilhões, com importação zero, só para obter o saldo positivo almejado." Por isso, acha indispensável vencer a obsessão dos "nove" e começar de novo o esforço exportador, com espírito de oportunidade de negócios.

Isso parece tão mais urgente quando Setúbal mostra que a exportação é a única forma de ajudar a recuperação da economia do País. "O mercado interno tem o CIP, com reajuste de 80% da ORTN, corte dos investimentos das estatais, inflação e redução de salários. Portanto não é solução para crise." Ele lamenta, porém, que esse não seja o raciocínio da máquina governamental.

"O Brasil tem de vender quatro vezes: para o comprador, para a empresa, para a Cacex e para o Banco Central." Daí o grito do diretor da Cacex, Carlos Viacava, que "só os amigos do rei exportam", frase que o próprio Laerte Setúbal já havia expressado e com a qual só pode concordar criticando o excesso de interferência do Estado, que controla preço de venda e até comissão de agentes no Exterior. Com sua espontaneidade e visão empresarial, Viacava foge dos 13 anos de formalismo de Benedicto Moreira, demonstra seu desespero com a pesada estrutura da Cacex e pode, segundo Setúbal, influir positivamente na máquina. "Hoje, no Brasil, os ministérios são cada vez menos administrados pelos ministros — todos de origem estatal e com comportamento de obediência à estrutura — e mais pela perenidade da máquina."

Com essa posição de que negócios balanceados, que não geram saldo em dólares, não interessam, o País está perdendo mercado e será difícil recuperar, na opinião do presidente da AEB.

PROTECIONISMO

Fator agravante de dificuldades na exportação, segundo Setúbal, é o atual momento norte-americano, com o Congresso, que quer voto e dinheiro, sendo inundado de pedidos de protecionismo; o governo, que tem déficit comercial de US\$ 100 bilhões, querendo reeleger-se; os sindicatos dizendo que importações trazem desemprego e os empresários que as compras no Exterior diminuem seus negócios.

Para contrabalançar a corrente contrária às exportações brasileiras, Setúbal vê dois lados: os acadêmicos norte-americanos e os banqueiros que querem receber a dívida do País. De qualquer forma, segundo ele, nessa questão de protecionismo não deve ser cogitada nenhuma negociação de aço por informática, "pois essa não é uma questão simplesmente comercial, e se o Brasil cedesse nada conseguiria".

O grande problema, na opinião de Laerte Setúbal, é que os americanos discutem com o Tesouro Brasileiro — Siderbrás, Cosipa, CSN —, e não com empresas, e raciocinam como se o Brasil fosse uma economia de mercado — quando o Estado domina 60% da economia. Portanto, usam argumento de que os mais eficientes devem sobreviver. Ainda na questão do aço, segundo Setúbal, o agravante foi que essa exportação cresceu 33%, perturbando o equilíbrio de mercado.

Já na área de informática, a reclamação é de falta de regras claras, que o presidente da AEB espera logo ser definidas pela SEI. "Todos estamos de acordo que o País precisa desenvolver tecnologia. Então, o debate é como defender a indústria nascente." Nesse sentido, lembrou que o Comitê Empresarial Brasil-Estados Unidos, que se irá reunir novamente dia 14 de maio em Washington, recomenda flexibilidade e temporariedade nas medidas, reprimindo os exageros. Mas reconhece que de todos os debates não houve resultado prático do Comitê, e sim endurecimento dos dois lados.



Arquivo

O Brasil tem de vender quatro vezes, diz Laerte Setúbal